



É PAPO DE CINEMA! A DIVERSIDADE NA UNIVERSIDADE: DIÁLOGOS NECESSÁRIOS À FORMAÇÃO HUMANA CRÍTICA.

Maristela Rosso Walker (1); Cassia Peres Martins (2); Anderléia Sotoriva Damke (2), Maria Fatima Menegazzo Nicodem (2)

Universidade Tecnológica Federal do Paraná- Câmpus Santa Helena/Medianeira, maristelawalker@gmail.com, cperesm@gmail.com, anderdamke@gmail.com, fatimanicodem@gmail.com.

Resumo: É papel da educação formal, oportunizar o aprendizado por meio de diversas linguagens, e a cinematográfica é uma delas. Assim, desenvolveu-se o projeto de extensão “É papo de cinema! UTFPR – cinediversidade, educação e diversão”, na UTFPR – Câmpus Santa Helena, objetivando favorecer o acesso de acadêmicos, servidores da Universidade e comunidade circunvizinha, à produção cinematográfica de diferentes categorias e gêneros, que remetem à temática da DIVERSIDADEⁱ social, racial, étnica, sexual, cultural, educacional, a cultura africana, afrodescendente, indígena e inclusiva para promover o debate, a reflexão e a discussão sobre a mesma, visando contribuir para o desenvolvimento da compreensão crítica do mundo e das novas tecnologias midiáticas por parte dos envolvidos. O trabalho desenvolvido segue o aporte dos teóricos dos Estudos Culturais e utiliza como metodologia a análise de conteúdo proposta por Bardin, além de outros referenciais teóricos que puderam contribuir, como a análise do discurso, a filosofia, os levantamentos históricos, as teorias do romance. Os resultados indicam que as temáticas instigam discussões, promovem eventos e levam os alunos e a comunidade a participar da atividade como enriquecimento curricular e cultural para sua trajetória acadêmica e pessoal.

Palavras-chave: Cinema e educação; Mídias e Formação de Professores; Formação continuada; Estudos culturais; Diversidade.

1.Introdução

Na atualidade, o acesso a produções cinematográficas, se popularizou intensamente, em virtude do uso massivo da televisão na maioria das residências deste país. As vídeo-locadoras, os baixos custos de alguns filmes, os frequentadores de cinemas e os downloads, por exemplo, são algumas das formas de aquisição e recepção de um filme pelo espectador.

Trevizan & Crepaldi (2009, p. 186) mencionam que “a linguagem audiovisual é bastante atraente e pode produzir experiências diferenciadas e enriquecedoras na sala de aula” e que o papel da escola é “formar a competência leitora dos alunos, tornando-os cidadãos com maior senso crítico”. Nessa mesma perspectiva, Napolitano (2009, p. 20) destaca duas formas que considera “instigantes e desafiadoras”, para o uso do cinema na escola. Estas são:



- O filme pode ser um “texto” gerador de debates articulados a temas previamente selecionados pelo professor.

Esta abordagem pode ser mais adequada no trabalho com os Temas Transversais: cidadania, meio ambiente, sexualidade, diversidade cultural, etc. Em princípio, todos os filmes –“comerciais” ou “artísticos”, ficcionais ou documentais – são veículos de valores, conceitos e atitudes tratados nos Temas Transversais, com possibilidade de ir além deste enfoque. Neste sentido, o cinema é um ótimo recurso para discuti-los (NAPOLITANO, 2009, p.20).

Conforme relata o autor, o filme, analisado como um texto gerador de debates se respalda no plano conteudístico voltado para as discussões temáticas que este sugere. Mas o tema, segundo ele, é apenas o ponto de partida para o estudo de sua relação com a linguagem da produção fílmica. Nessa perspectiva teórica, o professor pode destacar outras possibilidades que vão além da leitura do tema apresentado no filme; por exemplo, a observação necessária da linguagem construída pelo produtor do filme, seus modos de produção simbólica, para a veiculação estética e ideológica do conteúdo temático.

O fato de ser tratado como um texto gerador não isenta o professor de problematizar o tratamento – estético e ideológico – que o filme desenvolve sobre os temas a serem debatidos. Os filmes, como qualquer obra de arte, comunicam e perturbam o espectador mais pela maneira, pela forma como os temas são desenvolvidos, do que pelos temas em si. Por isso, os vários aspectos da linguagem não devem ser menosprezados: os ângulos e enquadramentos da câmera, o tipo de interpretação imprimida pelos atores, a montagem dos planos e sequências, a fotografia (texturas e cores da imagem que vemos na tela), enfim, a narrativa que conduz a trama (NAPOLITANO, 2009, p.20).

Neste sentido, a leitura de um filme, tendo como referência uma análise estética e ideológica, significa educar o olhar do leitor (aluno) para uma formação competente na leitura dessa linguagem audiovisual. Segundo Trevisan & Crepaldi (2009, p.168 e 170) “a leitura dos textos visuais é rica em complexidades ideológicas e estéticas e não pode ser reduzida a uma abordagem superficial de seus conteúdos literais”. Assim, a cultura estética e ideológica de um filme favorece a formação de um leitor completo, pois a linguagem visual constitui, conforme as autoras citadas, “um objeto cultural a ser decifrado por um ser social competente, bem informado, sintonizado com o repertório enciclopédico do autor (do texto), ativado no momento da criação”.

Outra forma de relevância do filme na formação de leitores críticos está, segundo Napolitano (2009), no fato de este ser identificado como um “documento” e analisado como um “produto cultural e estético”, respaldado por “valores, conceitos e representações da sociedade”.



Nesta linha de raciocínio, Napolitano (2009, p. 11) argumenta que “trabalhar com o cinema (filme) na sala de aula é ajudar a escola a reencontrar a cultura ao mesmo tempo cotidiana e elevada”. As produções cinematográficas se respaldam em campos que são capazes de sintetizar, numa mesma obra artística, uma variedade de elementos como: os valores sociais, o lazer, a ideologia, dentre outros. Deste modo, é válido mencionar que filmes proporcionam sempre diferentes possibilidades de atividades educativas, todas promotoras da construção crítica dos receptores.

2. É Papo de Cinema: Cinediversidade, Educação e Diversão

O projeto de Extensão “É papo de cinema! UTFPR – cinediversidade, educação e diversão” tem como meta promover e subsidiar o acesso a reflexões, discussões e debates, de um conjunto de filmes de diferentes categorias e gêneros, sobre temas relacionados a diversidade social, racial, étnica, sexual, cultural, educacional, a cultura africana, afrodescendente, indígena e inclusiva, entre alunos, servidores da UTFPR Santa Helena e a comunidade em geral, bem como a produção de pequenos vídeos sobre as temáticas elencadas, produção científica de artigos oriundos das discussões produzidas durante as exposições, visando à articulação com a pesquisa.

Com essa ação, pretende-se facilitar o acesso dos alunos, servidores e comunidade em geral a produções cinematográficas que contribuam para a formação crítico-reflexiva do jovem e do adulto, a ampliação do seu repertório cultural, o desenvolvimento da sua competência leitora e o diálogo entre o currículo escolar dos cursos ofertados pela UTFPR Santa Helena e as questões socioculturais mais amplas. Além disso, é possível ampliar o estreitamento das relações da universidade com as comunidades circundantes da UTFPR Santa Helena, disponibilizando espaço para participação comunitária, de escolas, ONGs, Secretarias Municipais e Estaduais em assuntos que permeiam toda a teia social como a diversidade, visando atividades de extensão.

Para Catelli Júnior (2009, p. 55), a utilização da linguagem cinematográfica objetiva “o desenvolvimento de competências e habilidades como: criticar, analisar e interpretar fontes documentais de natureza diversa”. Além do desenvolvimento das habilidades e competências mencionadas pelo autor, o fato de assistir a um filme e analisá-lo, pode levar o sujeito, também, ao reconhecimento de diferentes formas de linguagens, de atores sociais e de distintos contextos históricos inseridos em sua produção e significação.

3. Materiais e métodos



Para tornar o trabalho de extensão possível dentro do ambiente da Universidade, a equipe do DEPED em conjunto com o Grupo de Estudos E Pesquisa em Educação e Formação de Professores (GEPEFORP) desenvolveu cuidadosamente um planejamento de escolha dos filmes que seriam exibidos no decorrer do ano letivo, dividido nos dois semestres em que há estudantes no Câmpus, e também nas escolas circunvizinhas e comunidade em que está inserida, levando em consideração as temáticas de maior atualidade e possibilidade de discussão e aproximação com o público alvo.

A definição dos critérios de escolha dos filmes considerou o interesse e as necessidades do público jovem e adulto, por meio de instrumento escrito (enquete) e por meio eletrônico (mídia social) tendo em vista o currículo dos cursos ofertados e a atualidade dos temas necessários à formação, a prática docente, a complementação do diálogo com o currículo escolar, a pesquisa e a extensão.

Os dados da consulta aplicada aos alunos dos Cursos de Bacharelado em Ciência da Computação e Licenciatura em Ciências Biológicas, além dos servidores, no segundo semestre de 2014, revelaram a preferência dos seguintes temas e assuntos de filmes a serem debatidos na execução do projeto: Diversidade social, racial, étnica, sexual, cultural, educacional em primeiro lugar; Política e realidade brasileira em segundo lugar e Ética e cidadania em terceiro lugar. Além disso, também foram considerados alguns princípios norteadores: produções de distintas épocas e escolas cinematográficas; diversidade de gêneros: documentário, ficção, cinebiografia, comédia, drama, suspense, etc.; produções cinematográficas de diferentes países; filmes não exibidos exaustivamente pela televisão.

Os resultados da consulta realizada também nortearam a definição da frequência de exibição dos filmes que ocorrem a cada 30 dias (uma vez por mês, sempre em dias alternados da semana), buscando horários alternativos entre os intervalos de turnos das aulas. Entre o segundo semestre de 2014 e primeiro e segundo semestres de 2015 e 2016 exibimos os seguintes filmes: O contador de histórias (2009); Caixa D'Água: Qui-Lombo é esse? (2012); Temple Grandin (2010); O Candidato Honesto (2014); Maria cheia de graça (2004); Terra fria (2005); O Lorax: em busca da trífula perdida (2012); Paraísos artificiais (2012); 50/50 ou 50% (2010); Lado a lado (1998); Joy: o nome do sucesso (2016); O quarto de Jack (2016); A garota dinamarquesa (2016); Orações para Bobby (2009).

A dinâmica da escolha dos filmes foi mudando no decorrer dos semestres buscando envolver o público que se pretende atingir. Inicialmente a escolha da temática ficava a critério dos organizadores do evento (2014) buscando atingir os objetivos propostos quanto aos temas



relacionados à diversidade. Em 2015 a sistemática de escolha utilizou o facebook (Figura 1) como recurso, cujo instrumento era uma enquete com 3 filmes (a cada exibição) que o público escolhia durante um período definido para votação. O mais votado era exibido.

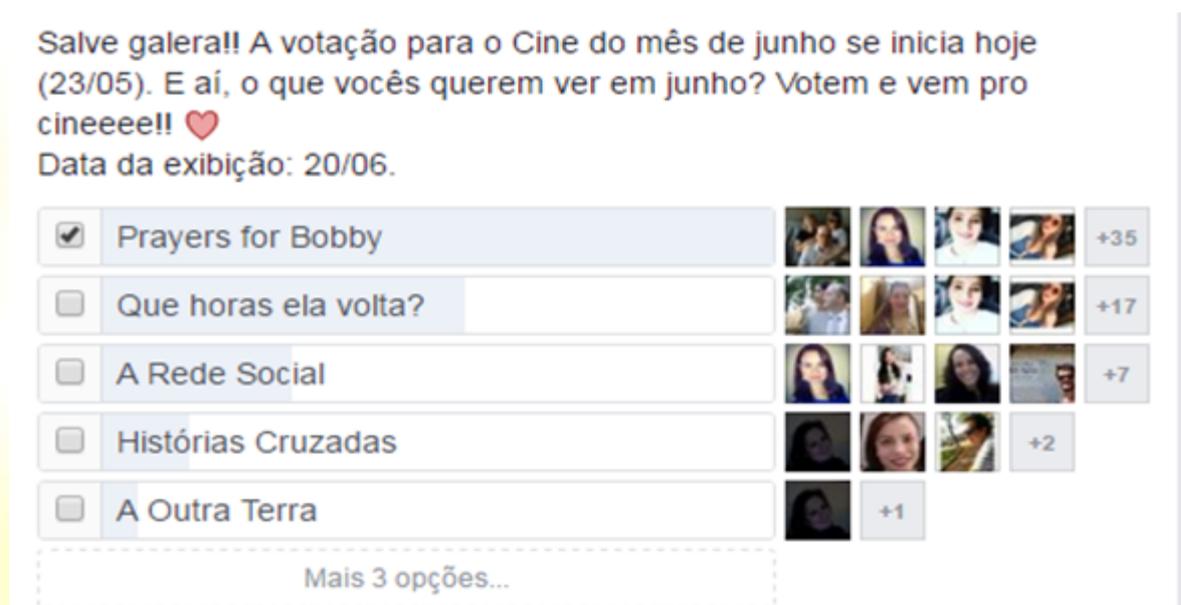
Figura 1: Página do Cinediversidade no *Facebook*.



Fonte: *Print* dos autores da página do *Facebook*.

Em 2016, após avaliação das atividades desenvolvidas e uma nova enquete proposta para 2016 (Figura 2), a dinâmica da escolha manteve a mídia social como recurso, porém o instrumento teve alterações: no início do ano elencamos os 10 filmes que gostaríamos de exibir, segundo as preferências apontadas na enquete e todos eles são elencados mensalmente, sendo retirado aquele que já foi exibido.

Figura 2: Enquete utilizando mídia social.



Fonte: *Print* dos autores da página do *Facebook*.



Esse é o primeiro passo de envolvimento dos participantes do projeto: a escolha do filme. A exibição da película escolhida ocorre no auditório do Câmpus, acompanhada de pipoca, chimarrão, onde o público fica à vontade para sentir/ver o que será exibido. Leva-se em conta também a duração do filme, pois o tempo de exibição também interfere na qualidade das discussões, considerando que muitos dos participantes têm aulas no período noturno.

Após a exibição do filme promove-se a socialização do conteúdo da película, informações sobre o elenco, diretores e, em caso de adaptações, os autores dos originais, época, contextualizando a obra cinematográfica. É nesse momento que vêm à tona sentimentos, emoções, depoimentos, relatos, discussões, troca de opiniões que levam em consideração, além do conhecimento de mundo de cada um dos participantes, referenciais teóricos que nos remetem a análise do discurso, a análise de conteúdo, a filosofia, a história, a literatura, permitindo um trabalho interdisciplinar.

Além dos debates, é proposição do grupo que coordena o projeto, a elaboração de uma coletânea de artigos para publicação, cujos objetos de análises serão os filmes exibidos, partindo das discussões geradas durante os respectivos debates, que inevitavelmente, circundam e problematizam a concepção das personagens, sejam elas baseadas em fatos reais ou não, considerando os sentidos produzidos.

Mesmo quando baseadas em fatos reais, como no caso dos filmes *Temple Grandin* (2010) e *Orações para Bobby* (2009), não pudemos deixar de considerar que se tratava de personagens, com um “quê” de ficção, pois eram filtradas pela descrição de um roteirista, passando pelo mundo das palavras e se materializando no mundo das imagens, guiadas pelo olhar de um diretor, construídas por atores e atrizes, cujo resultado final apresentado ao espectador teve a contribuição de diversos profissionais ligados a produção cinematográfica, tais como: diretores de luz, som e imagem, bem como cenógrafos e figurinistas. Essas personagens são criadas para representar pessoas, já como constatava Brait (1985), a partir dos dizeres de Ducrot e Todorov:

Uma leitura ingênua dos livros de ficção confunde personagens e pessoas. Chegaram mesmo a escrever “biografias” de personagens, explorando partes de sua vida ausente do livro (“o que fazia Hamlet durante seus anos de estudo?”). Esquece-se que o problema da personagem é antes de tudo lingüístico, que não existe fora das palavras, que a personagem é um ser de papel”. Entretanto recusar toda a relação entre personagem e pessoa seria absurdo: as personagens representam pessoas, segundo modalidades próprias de ficção. (DUCROT & TODOROV *apud* BRAIT, 1985)



Dessa forma, não pudemos desconsiderar o caráter artístico e literário do cinema, trazendo a tona discussões a partir de estudos literários a respeito da personagem, bem como conceitos de autoria. Ao tempo em que em nossos debates, uma vez que falávamos em personagens que representavam pessoas, não se pode evitar discussões a respeito das posições sujeito ocupadas por essas personagens na sociedade, colocando em pauta suas formações discursivas e ideológicas. Como, por exemplo, no caso da personagem Bobby, de *Orações para Bobby* (2009), pois é evidente a forte influência que as instituições família e igreja exercem no destino da personagem, o discurso religioso e familiar, propagado principalmente pela mãe da personagem, o influencia de tal maneira a ponto de guiá-lo ao seu final trágico.

Reflexões como essa serão aprofundadas durante a produção dos artigos.

Resultados e considerações

Por meio da leitura e análise de imagens e de ferramentas utilizadas pelo cinema, o trabalho com essa linguagem, entre outros aspectos, contribui para o desenvolvimento da compreensão crítica do mundo e das novas tecnologias, tendo em vista os benefícios que proporciona à formação do aluno. A cada exibição cinematográfica, novos olhares, sensações e experiências se renovam e se fortalecem e ainda podem gerar reflexões que se prolongam por toda a vida. Os universos reais e fictícios projetados na tela simulam contextos e cenários que retratam valores individuais e coletivos, que poderão ser discutidos e ampliados por meio do debate com a comunidade escolar.

Com sua expressiva versatilidade, a linguagem cinematográfica compreende, além de um corpo de conhecimento notável, mecanismo de interfaces com outras linguagens, dialogando com várias expressões: o teatro, a dança, a música e as artes visuais. Assim, justificou-se a execução do projeto de extensão aqui exposto, que no período de dezoito meses conseguiu promover um diálogo profícuo com acadêmicos, com a comunidade em que está inserida a Universidade e possibilitou discussões sobre temas como: a diversidade social, racial, étnica, sexual, cultural, educacional, a cultura africana, afrodescendente e inclusiva.

Pela análise que efetuamos até o momento e também proposta por Napolitano para o uso de filmes em sala de aula, foi possível constatar que qualquer disciplina/projeto pode utilizar a sétima arte como um instrumento didático-pedagógico; seja como texto gerador de debate, como documento representativo de sua produção histórica pautado em valores e ideologias determinadas por um contexto social, seja, como um produto cultural, estético, de valorização da Arte. Todo



filme, seja um documentário ou uma ficção, é resultado de decisões e indagações contextuais de seus idealizadores; assim, é um objeto que resulta de uma produção cultural coletiva e, como tal é passível de observação e questionamentos.

Referências

BRAIT, Beth. **A Personagem**. São Paulo: Ática, 1985.

CATELLI JUNIOR, R. **Temas e linguagens da história: ferramentas para a sala de aula do ensino médio**. São Paulo: Scipione, 2009.

LEITE, S. **Cinema brasileiro: das origens à retomada**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

NAPOLITANO, M. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2009.

TREVIZAN, Z.; CREPALDI, L. **Linguagem visual e educação: a arte de ensinar**. In: GEBRAN, R. A. (org.) **Ação docente no cotidiano da sala de aula: práticas e alternativas pedagógicas**. São Paulo: Arte & Ciência, 2009. Cap. 8, p. 167 – 86.

Nota:

1. A diversidade se manifesta na pluralidade de identidades que caracterizam os grupos e as sociedades que compõem, não só o Brasil, mas toda a humanidade. Conviver, respeitar e promover a diversidade é fundamental para que todas as pessoas tenham igualdade de oportunidades, além de combater o preconceito e a discriminação em relação à cor, gênero, deficiência, orientação sexual, crença ou idade.
2. Este trabalho foi apresentado no XVIII ENDIPE, em Cuiabá, no período de 23 a 26/08/2016, em forma de pôster, sob o título “Cinema, diversidade e extensão na universidade: diálogo possível”.